

# A REPRESENTAÇÃO DOCUMENTAL COMO UM ENCONTRO DE REPRESENTAÇÕES

*Documental representation as a meeting of representations*

**Rodrigo de Sales**

*Doutor em Ciência da Informação  
Universidade Federal Fluminense  
Contato: rodrigosaes@id.uff.br*

## **Resumo**

A representação documental será abordada neste ensaio justamente na interface entre a representação do conhecimento e a representação da informação. O que se propõe é o alargamento do conceito de representação para mais bem explorar a relação representante-representado, de modo a evidenciar um contexto de representações mútuas. Para tanto, busca-se amparo teórico na etimologia e na noção schopenhaueriana da palavra representação, a fim de ampliar a discussão a respeito da representação documental. O texto está estruturado por uma contextualização do cenário em que a representação de documentos se abriga, um exame no conceito de representação sob uma perspectiva filosófica e uma reflexão sobre a representação documental numa perspectiva da Ciência da Informação. As discussões indicam que a representação documental se configura na confluência de diferentes representações, como a representação do conhecimento e a representação da informação. Em última instância, a representação documental consiste em uma representação de representações.

**Palavras-chave:** Representação documental; Representação do conhecimento; Representação da informação; Organização do conhecimento; Organização da informação.

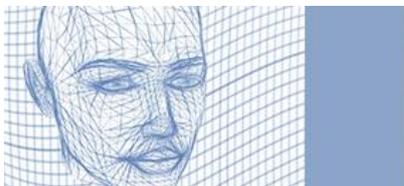
## **Abstract**

This essay draws on the interface of knowledge representation and information representation to approach documental representation. It proposes an expansion of the concept of representation to explore the represented-representer relation to demonstrate a context of mutual representations. For such, it investigates its theoretical basis on the etymology and Schopenhauer's notion of the word "representation" to expand the discussion in relation to documental representation. The text is composed by a contextualization of the scenario in which documental representation occurs, an analysis of the concept of representation under a philosophical perspective and considerations about the documental representation in the light of Information Science. The discussions indicate that documental representation configures itself in the confluence of different representations, such as knowledge representation and information representation. Ultimately, documental representation is a representation of representations.

**Keywords:** Documental representation; Knowledge representation; Information representation; Knowledge organization; Information organization.

## **Resumen**

La representación documental se abordará en este ensayo justamente en la interfaz entre la representación del conocimiento y la representación de la información. Lo que se propone es la ampliación del concepto de representación para explotar mejor la relación representan-



te-representada, para evidenciar un contexto de representaciones mutuas. Para ello, se busca amparo teórico en la etimología así como en la concepción schopenhaueriana de la palavra representación, a fin de ampliar la discusión acerca de la representación documental. El texto está estructurado por una contextualización del escenario en que se presenta la representación de documentos, un examen en el concepto de representación desde una perspectiva filosófica y una reflexión sobre la representación documental desde una perspectiva de la Ciencia de la Información. Las discusiones indican que la representación documental se configura en la confluencia de diferentes representaciones, como la representación del conocimiento y la representación de la información. En última instancia, la representación documental consiste en una representación de representaciones.

**Palabras clave:** Representación documental; Representación del conocimiento; Representación de la información; Organización del conocimiento; Organización de la información.

*O mundo é minha representação.  
Arthur Schopenhauer*

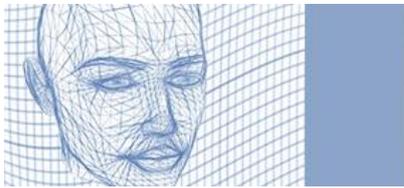
## **1 Introdução**

Uma das perigosas armadilhas que podemos incorrer ao dissertar sobre determinado assunto é a simplificação exagerada ou a didatização do mesmo. Tentando se distanciar dessa tocaia, que raramente conseguimos escapar, procuramos discutir ou problematizar o assunto representação documental de modo a ampliar a compreensão que podemos ter a respeito do termo “representação”. Consequentemente, esboçamos também uma provisória flexibilização da noção que podemos ter a respeito do documento.

Trata-se, portanto, não de um artigo elaborado dentro dos moldes acadêmicos que perseguem resultados científicos, mas sim de um ensaio elaborado como exercício de reflexão teórica que visa contribuir para a discussão deste assunto. Para tanto, procuraremos alargar alguns limites conceituais para ampliar o debate da representação de documentos, dialogando com uma perspectiva, pode-se dizer, de ordem mais filosófica.

## **2 Organizações do conhecimento e da informação: a representação como mote**

Reconhecidamente definida e institucionalizada no período pós-guerras (BORKO, 1968; SARACEVIC, 1996), a Ciência da Informação pode ser entendida como “campo que se ocupa e se preocupa com os princípios e práticas da criação, organização e distribuição da informação desde sua criação até sua utilização, e sua transferência ao receptor em uma variedade de formas, por meio de uma variedade de canais” (SMIT & BARRETO, 2002, p. 17-18). Para Saracevic (1996), o problema

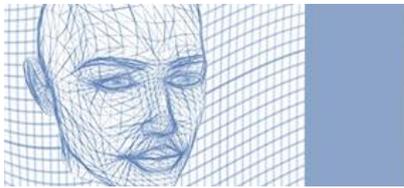


central a ser resolvido pela Ciência da Informação dizia respeito à recuperação da informação. Após a Segunda Guerra, a capacidade de armazenamento de informações juntamente com a habilidade de recuperá-las eficientemente eram preocupações centrais dos países desenvolvidos. Nesse período, eventos na *Royal Society* (Inglaterra) e no *Georgia Institute of Technology* (Estados Unidos) deram ampla visibilidade ao nome *Information Science*.

Nota-se que organizar a informação para mais bem recuperá-la parece ter sido o mote da Ciência da Informação desde seu início, o que coloca a organização da informação em posição central na Ciência da Informação. Para Guimarães (2009), a organização da informação, enquanto área de estudo que integra a Ciência da Informação, consiste em um dos espaços investigativos dessa ciência, possuindo natureza mediadora na medida em que propicia a interlocução entre os contextos de produção e uso da informação. Para Bräscher e Café (2010), a organização da informação se relaciona com as atividades e processos atinentes à organização material da informação, à organização dos itens informacionais nas unidades de informação. Porém, quando o termo organização da informação se aproxima do termo organização do conhecimento, alguma distinção nos parece necessária para melhor compreensão. Segundo Bräscher e Café (2010), a organização do conhecimento diz respeito à organização e à sistematização cognitiva do conhecimento, à organização dos conceitos, bem como à construção de sistemas de organização do conhecimento (SOC). Observa-se que enquanto a organização da informação está voltada à concretude dos objetos informacionais, a organização do conhecimento volta-se mais para o universo cognitivo da organização dos conceitos.

Se tradicionalmente os estudos sobre representação documental vêm sendo desenvolvidos no cerne da organização da informação, propomos discuti-la também na interação com a organização do conhecimento. Aliás, parece ser uma função bastante “íngrata” ter que pensar a respeito da organização de algo que nem mesmo sabemos se é possível ser organizado. Afinal, seria o conhecimento organizável?

Essa pergunta, definitivamente, liga a organização do conhecimento ao conceito de representação, pois, se de fato o conhecimento é algo intangível, pertencente ao campo cognitivo, somente sua representação seria passível de organização.



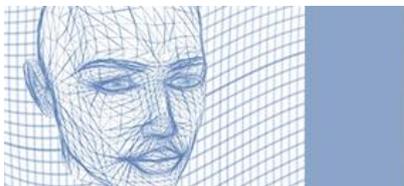
Em outras palavras, o que se organiza efetivamente é a representação do conhecimento, ou melhor, o conhecimento representado.

O conhecimento representado pode perfeitamente nos remeter àquilo que Dahlberg (1978) chama de unidade de conhecimento – conceito. Nesse sentido, o conceito assume o papel de representante do conhecimento. Se o conceito assume esse papel, é plausível a afirmação de Brächer e Café (2010) de que a organização do conhecimento seria a articulação lógica dos conceitos, dos representantes do conhecimento. Se a organização do conhecimento consiste em elaborar estruturas de conceitos, podemos entender que o conhecimento precisa ser antes representado por meio de conceitos para posteriormente ser organizado, e isso liga de maneira fundamental a organização e a representação do conhecimento.

Se unirmos a concepção de Burke (2003), para quem a informação é o que está “cru” e o conhecimento é aquilo que foi “cozido”, com a concepção de Fogl (1979) *apud* Brächer e Café (2010, p.3), para quem o conhecimento seria a origem da informação, temos uma sugestão para definir a natureza do conhecimento: conhecimento é o produto do pensamento humano, já foi “cozido”, devidamente elaborado, e servirá de fonte para novas informações. Nesse sentido, conhecimento pertence ao campo cognitivo e deverá ser representado para sua posterior organização. Em outras palavras, consideramos não ser possível trabalhar a organização do conhecimento sem a representação do mesmo.

Essa relação recíproca entre representação e organização do conhecimento, permite-nos ainda concordar com Brächer e Café (2010) quando as autoras afirmam que a representação do conhecimento é o resultado da organização do mesmo. Porém, preferimos, neste momento, ousar complementar este raciocínio afirmando que a representação está tanto no início quanto no resultado da organização do conhecimento. Se, por um lado, não se organizam elementos que estão dentro do nosso campo cognitivo, mas sim a representação desses elementos, por meio dos conceitos, por outro, não vemos outra possibilidade de resultado à organização do conhecimento que a própria representação desses conceitos nos sistemas de organização do conhecimento (SOC).

Tocante à organização da informação, podemos nos apoiar, como o fizeram Brächer e Café (2008), na concepção de informação de Fogl (1979), que definiu in-



formação como produto ou existência material do conhecimento. A informação existe, nesse sentido, objetivamente fora da consciência individual. Dito de outra maneira, a informação se refere à objetividade material do conhecimento, que as autoras preferiram chamar de objetos informacionais.

Neste sentido, organização da informação diz respeito às atividades que descrevem formalmente o objeto informacional, tanto no que se referem aos seus aspectos físicos quanto temáticos. Assim, temos como resultado da organização da informação a representação da informação (BRÄSCHER & CAFÉ, 2010). Se entendermos, portanto, que a descrição do conteúdo, do tema, também é função da organização da informação, deparamo-nos com um denominador comum, com um ponto de interseção fundamental entre a organização do conhecimento e a organização da informação – a unidade de conhecimento, o conceito. Desse modo, um objeto informacional opera como uma informação que traz consigo o conhecimento. O ato de organizar este objeto informacional dependerá, portanto, da representação tanto do conhecimento quanto da informação.

Novamente, o que se revela é uma interdependência entre o conceito de “organização” e “representação”, estejamos nós falando de “conhecimento” ou de “informação”. É justamente nessa interseção, nesse ponto de convergência, que procuraremos abordar a representação documental, uma vez que podemos entender o documento como o potencial encontro da informação com o conhecimento na medida em que, enquanto objeto informacional, o documento é a realidade concreta e objetiva, dotada de forma e conteúdo, que serve para ligar os mais diversos conhecimentos. Essa realidade objetiva que existe fora da consciência individual, concretizada na informação, torna-se responsável por conectar diferentes consciências individuais, que por sua vez, irão conceber diferentes conhecimentos.

### **3 Um exame no conceito de ‘representação’**

Gostaríamos de concordar e ao mesmo tempo complementar um pouco a visão de Fogl (1979), para quem o conhecimento é a origem da informação. Arriscamos entender que esta relação é uma via de mão-dupla, pois a informação igualmente pode ser a origem de um novo conhecimento. Nesse sentido, teríamos uma espécie de relação infinita: conhecimento-informação-conhecimento-informação, ou

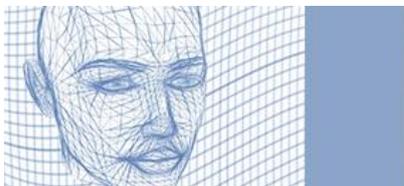


melhor, conhecimentos-informações-conhecimentos-informações. Nesta ótica, o conhecimento pode estar tanto na causa quanto na consequência de toda informação. E se a informação é essa existência objetiva que dá vida ao conhecimento, ela o faz por meio de uma forma e de um conteúdo, ela se realiza, objetivamente falando, no próprio objeto informacional. Chamaremos, mesmo que provisoriamente, este objeto informacional de documento. Portanto, documento seria, de antemão, a realização da informação que, por sua vez, seria a realização do conhecimento. E é a realização da informação no documento que possibilita o surgimento de novos conhecimentos.

Por esta razão, abordaremos o assunto 'representação documental' tendo em vista os aspectos tanto da 'representação do conhecimento' quanto da 'representação da informação', apontados por Bräscher e Café (2010). Assim, vale lembrar que para as autoras a representação do conhecimento é a organização sistemática dos conceitos (representantes do conhecimento), ao passo que a representação da informação é a descrição formal – física e de conteúdo – dos objetos informacionais. Em outras palavras, a representação do conhecimento lida com a abstração conceitual e a representação da informação lida com a concretização documental.

Portanto, o que está em jogo neste ensaio, em última instância, é o argumento de que para termos uma compreensão mais completa da 'representação documental' devemos explorar a potencialidade das representações do conhecimento e da informação contidos no documento.

Tratar o documento como objeto informacional, estrategicamente nos isenta de delimitar uma definição para documento. Faremos isso não para negligenciar os postulados ou as perspectivas próprias dos teóricos do documento, mas apenas para não entrarmos em uma discussão que não se configura como objetivo desta reflexão. Não nos interessa por ora definir se o documento do qual estamos falando é o documento de Otlet, de Briet, de Frohmann ou de Buckland, mas sim buscar caminhos para mais bem compreender como podemos representa-lo, seja ele qual for. Se o documento é o livro, o artigo, o mapa, o filme, a pedra ou o website, se ele possui intencionalidade, materialidade, função social, níveis de documentalidade, ou, ainda, se ele opera como um ente informativo em si, ou como um nó de uma rede, ou, então, como um enunciado que estabiliza discursos, definitivamente preferimos

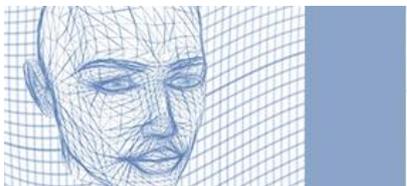


não definir. Preferimos deixar esse embate para os estudiosos da teoria do documento. Para não nos esquivarmos demasiadamente da responsabilidade, daremos apenas como traço característico do objeto informacional (nosso documento) a potencialidade de realização da informação e do conhecimento. O documento aqui é algo que está na interação conhecimento-informação, portanto, para ser representado precisa ser trabalhado na interface entre representação do conhecimento e representação da informação.

Uma vez aclarado o que entendemos por documento nesta argumentação, cabe-nos agora uma aproximação com relação ao conceito de ‘representação’, de modo a examinar a possível função da ‘representação’ em um contexto mais amplo, como no contexto filosófico.

Na Filosofia, representar normalmente significa estar por outro, alguma coisa ou entidade que está por outra coisa ou entidade, o que revela uma relação entre o que é “representante” e o que é “representado”. Uma característica do representante é ser mais acessível que o representado, e no universo da linguagem, seja de tradição oral ou de tradição escrita, normalmente o representante é uma palavra. Usamos, por exemplo, a palavra *vulcão* para representar aquela *estrutura geológica formada a partir do aquecimento de gases e partículas que escapam para a superfície terrestre*. Nota-se, neste primeiro momento, que a representação dialoga com a lógica da substituição, “estar no lugar de”. O representante “está no lugar” do representado.

Etimologicamente, representação vem do latim *reapresentatio*, tratando-se de um vocábulo de origem medieval que significa imagem ou ideia, ou ambas as coisas (ABBAGNANO, 2007). Entre os escolásticos, o termo representação era usado para designar o conhecimento como semelhança. Segundo Abbagnano (2007), Tomás de Aquino afirmava que “representar algo” correspondia a “conter a semelhança da coisa”. Se na Idade Média a representação estava associada ao conceito de semelhança, em fase posterior, ao término da escolástica, representação podia se referir à indicação ou à designação do significado das palavras. Uma espécie de relação significado-significante que, por analogia, podemos aproximar da relação representado-representante.

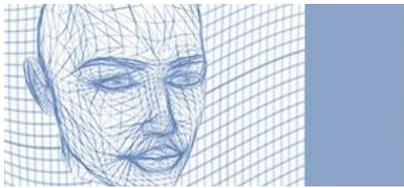


Ao consultarmos o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano, que teve sua primeira edição traduzida para o Brasil por Alfredo Bosi, deparamo-nos com pelo menos três sentidos distintos para o conceito de representação. O primeiro se volta à possibilidade de se conhecer algo, “aquilo por meio do qual se conhece algo [...] ser aquilo com que se conhece alguma coisa” (ABBAGNANO, 2007, p. 853). No segundo sentido, representar corresponde a “conhecer alguma coisa [...] a imagem representa aquilo de que é imagem, no ato de lembrar” (Idem). No terceiro sentido, representar significa “causar o conhecimento do mesmo modo como o objeto causa o conhecimento” (Ibidem). Verificam-se nessas definições a concepção de que, no primeiro sentido, representar se volta à *ideia* que se tem do objeto; no segundo sentido, representar se refere à *imagem* que se tem do objeto; e, no último sentido, representar se dirige ao próprio *objeto* (ABBAGNANO, 2007).

É curioso notar que em todos os sentidos acima descritos, a representação está ligada a um “conhecimento” de um “ente” que está sendo representado, ou melhor, à possibilidade de se conhecer algo por meio de seu representante.

Possivelmente, o filósofo que mais extrapolou a compreensão e a amplitude do termo representação foi Arthur Schopenhauer (1788-1860) que, na primeira metade do século XIX, publicou a obra *O mundo como Vontade e como Representação* (primeira edição datada de 1819). Em hipótese alguma tentamos explorar aqui a concepção de Schopenhauer em sua totalidade. Aliás, gostaríamos de deixar claro que a minúscula parte que utilizamos da referida obra em nossa reflexão se refere à compreensão, ainda provisória, do termo ‘representação’, baseada na distinção entre representação intuitiva e representação abstrata, apresentada no Tomo I de *O mundo como vontade e como representação*. Este esclarecimento se faz necessário por considerarmos que demasiado deslize seria reduzir a grande obra do filósofo na compreensão preliminar de apenas um de seus conceitos fundamentais.

A mencionada obra inicia com a seguinte frase: “O mundo é minha representação” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43). Para o filósofo, tudo que existe é representação, que por sua vez pressupõe sujeito e objeto. A simbiose entre sujeito (entidade que conhece) e objeto (entidade que é conhecida) é uma condição universal na visão de Schopenhauer, para quem, a única verdade *a priori* é a de que tudo é representação. No livro I da referida obra, o autor apresenta uma distinção entre a repre-



sentação intuitiva (que abrange a experiência com o mundo sensível) e a representação abstrata (que abrange o universo dos conceitos).

No que respeita às representações intuitivas, Schopenhauer (2005) afirma se tratar do resultado da experiência que temos com o mundo exterior por meio do *entendimento* que, segundo o filósofo, só ocorre na relação espaço-tempo-causalidade. Grosso modo, toda matéria (objeto) manifesta uma posição (essência do espaço) e uma sucessão (essência do tempo). Espaço e tempo são representações intuitivas universais e compõem juntas a essência da matéria, que por sua vez existe em seu fazer-efeito. O fazer-efeito, lógica da causalidade (onde os efeitos são examinados por suas causas), somente ocorre no tempo e no espaço. Uma vez que, segundo Schopenhauer (2005), alguma coisa só se efetiva (faz-efeito) no tempo e no espaço, essa relação tempo-espaço-causalidade é que possibilita o *entendimento* do objeto pelo sujeito, representação intuitiva. Dessa maneira, o ser animal (sujeito) capta por meio de seus sentidos as coisas exteriores e, através da relação tempo-espaço-causalidade, que lhe permite o entendimento do que foi captado, intui o mundo a seu redor – representação intuitiva.

No entanto, a representação do mundo não se concretiza somente pela percepção e pelo entendimento (reconhecimento) das coisas do mundo pelo sujeito, realizada pelas representações intuitivas, é necessário que estas sejam pensadas, compreendidas e comunicadas. Para isso, Schopenhauer (2005) nos submete ao princípio da razão. Para o autor, é necessário submeter as representações intuitivas à mediação racional, realizável por meio das representações abstratas, ou seja, por meio dos conceitos. Segundo o filósofo, são as representações abstratas que distinguem o homem do animal, uma vez que as representações intuitivas realizadas por e para o entendimento, possíveis na relação tempo-espaço-causalidade, são as mesmas para todos os animais. Todos os animais intuem o mundo.

Os conceitos (representações abstratas) existem apenas no espírito do homem, afirmou o filósofo, e esses são tão-somente um conhecimento abstrato e discursivo, não essencial. Desse modo, o conhecimento é apenas uma representação, alcançável somente pela abstração, pela inteligência. Porém, essa representação abstrata que dá corpo ao conhecimento está impreterivelmente ligada à representação intuitiva que permite a captura do mundo exterior. Dizendo de outra maneira, re-



conhecemos o mundo exterior por meio das representações intuitivas (possíveis no e pelo entendimento) e alcançamos o conhecimento por meio das representações abstratas (possíveis na e pela razão). As representações abstratas (conceitos) são de algum modo, na concepção de Schopenhauer (2005), repetições ou cópias das representações intuitivas submetidas à razão. Por isso, o filósofo, em última instância, afirma ser os conceitos meras representações de representações. Ou seja, os conceitos são representações das representações intuitivas.

Para pensarmos a representação documental no âmbito da Ciência da Informação, gostaríamos de lançar mão de dois aspectos acerca do termo 'representação' que foram aqui levantados: o primeiro referente à relação representação intuitiva e representação abstrata de Schopenhauer; o segundo referente à relação representante-representado, presente na etimologia do termo.

#### **4 Representação documental na Ciência da Informação**

Se no âmbito da Ciência da Informação pretendemos abordar a representação documental na interface entre a representação do conhecimento e a representação da informação, algumas ponderações são necessárias.

Tomamos de Bräscher e Café (2010) a compreensão de que representação do conhecimento, enquanto resultado da organização do conhecimento, é a articulação dos conceitos, que, na Ciência da Informação, vem sendo formalizada pelos chamados sistemas de organização do conhecimento (SOC), tais como esquemas de classificação, taxonomias, tesouros e ontologias. Vimos também que os conceitos são unidades de conhecimento (DAHLBERG, 1978), que, numa concepção etimológica da palavra representação, podemos entendê-los como 'representantes do conhecimento'. Com Schopenhauer tivemos a constatação do conceito enquanto representação abstrata de representações intuitivas, e somente por meio deles podemos alcançar o conhecimento das coisas. Nesse sentido, a própria representação do conhecimento já seria uma representação do conhecimento representado, ou melhor, uma representação dos representantes do conhecimento. Assim, ao construirmos instrumentos como esquemas de classificação, tesouros, taxonomias e ontologias estamos dando formas possíveis aos representantes do conhecimento. É importante termos ciência, portanto, de que quando estamos diante de um SOC esta-



mos diante de uma representação de uma representação, ou melhor, diante de uma representação de representantes do conhecimento.

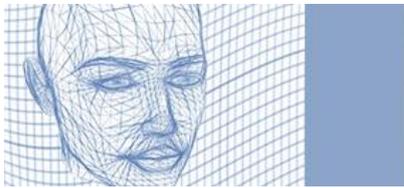
Indo na mesma direção, se entendermos que o documento é um objeto informacional que traz em sua forma e conteúdo a articulação de inúmeros conceitos (representantes do conhecimento), já não seria o documento uma representação do conhecimento? Se a articulação dos representantes abstratos (conceitos) se realiza ou toma forma no documento, não seria este um exemplo claro de objeto de representação do conhecimento. Ao darmos, mesmo que provisoriamente, uma resposta afirmativa para as duas perguntas acima, torna-se coerente a afirmação de que o documento é por si só um representante do conhecimento representado.

Sendo o documento (objeto informacional) um representante do conhecimento representado, cabe-nos voltar a atenção para a possibilidade de representar este objeto-representante. Em outras palavras, cabe-nos voltar a atenção para a representação da informação, para a descrição formal e temática do documento. Assim, abordamos a representação documental na interface entre a representação do conhecimento e a representação da informação.

Ao concentrarmos na relação representante-representado, acabamos nos reportando novamente à concepção de que representar é “ocupar o lugar de”, é operar como substituto, é, em resumo, (re)apresentar algo. Nesse sentido, representar o objeto informacional (documento) é encontrar seus substitutos sintéticos, os elementos que o (re)apresentarão.

Como dito anteriormente, o documento é forma e conteúdo de conhecimentos representados. Por entendermos que a representação de sua forma normalmente é realizada por meio de representantes de aspectos formais (produtores, suportes, formatos, especificações técnicas), concentraremos exclusivamente na representação de seu conteúdo, onde efetivamente os conceitos (representações abstratas que operam como representantes do conhecimento) estão presentes.

No âmbito da Ciência da Informação, a representação do conteúdo dos documentos normalmente é realizada por meio de elementos condensadores do conteúdo, tais como resumos (sinopses) e palavras-chave. A pergunta que nos ocorre é: seriam essas condensações os verdadeiros substitutos do conteúdo do documento, a ponto de serem de fato seus representantes? Formulando melhor a questão: esta-



ríamos nós elaborando resumos e delimitando palavras-chave de modo a captar os representantes dos conhecimentos veiculados pelos documentos?

A representação da informação, aqui compreendida de acordo com Bräscher e Café (2010), que se refere especificamente ao objeto informacional, deve, ao nosso ver, estar impreterivelmente ligada à representação do conhecimento realizada no documento. Se pretendemos encontrar os representantes do conteúdo de um documento, devemos minimamente encontrar os representantes dos conhecimentos nele contido. Afinal, neste momento já dispomos de esclarecimentos suficientes para ampliarmos a compreensão que temos a respeito do documento, pois desenhamos um cenário em que o documento transborda sua função de mero objeto informacional e alcança o papel de representante do conhecimento representado. Em outras palavras, aquilo que vínhamos tratando como objeto informacional se transformou em objeto que realiza a simbiose conhecimento-informação. Dessa maneira, só podemos abordar a representação documental na interface da representação do conhecimento com a representação da informação. Os representantes da informação, que na prática serão utilizados para recuperar o documento, não podem destoar dos representantes do conhecimento que o documento traz.

Assim, infere-se que representação documental não passa de uma representação de representações, ou melhor, a (re)apresentação daquilo que o documento (re)apresenta. Se representar um documento é apresenta-lo novamente de maneira acessível, e para isso devemos encontrar seus potenciais representantes, defendemos a ideia de que essa procura pelos representantes do documento deve combinar a representação do conhecimento com a representação da informação. Assim como o conhecimento pode ser visto como a origem da informação, a representação do mesmo pode ser vista como a origem da representação desta, ou seja, os representantes do conhecimento são os potenciais representantes da informação, e ambos se encontram no próprio documento. Em última análise, tudo com que trabalhamos são potenciais representações. Ter consciência disso é necessário para escaparmos de rápidas simplificações.

## **5 Conclusão**



A fim de ensaiar alguma consideração final para a argumentação aqui desenvolvida, gostaríamos de destacar nossa principal inferência.

O documento, enquanto representante do conhecimento representado, e, enquanto objeto informacional, configura-se como a realização da simbiose conhecimento-informação. Desse modo, representar o documento deve potencialmente passar pela representação do conhecimento e pela representação da informação. Se representar significa apresentar novamente por meio de representante, representar documento corresponde a encontrar os representantes do conhecimento que servirão também como representantes da informação.

Ao mesmo tempo em que o documento articula conceitos (representantes do conhecimento) e os traz em seu conteúdo, ele mostra seus representantes informacionais, ou seja, este objeto informacional, que por si só já é representação de conhecimentos representados, traz consigo tanto os representantes do conhecimento que ele veicula, quanto os representantes informacionais que irão o representar.

Desenvolvemos nosso raciocínio neste ensaio amparados pela ideia de que ampliar a compreensão que se tem de documento e, principalmente, a compreensão que se tem de 'representação' é o caminho para escapar da simplificação e da didatização do discurso da representação documental e, assim, trazermos a sugestão de que a representação documental é uma representação de representações que une representantes do conhecimento e representantes da informação. O que de certo modo fazemos é representar representações por meio de representantes. Estaria Schopenhauer errado ao afirmar que "o mundo é minha representação"?

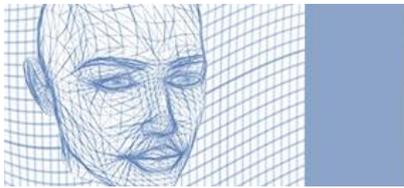
## Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968.

BRASCHER, M; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: LARA, M. L. G.; SMIT, J. (Org.). **Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes/USP, 2010. ISBN: 978-85-7205-081-4.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.



DAHLBERG, I. **Teoria do conceito**. Ci. Inf., Rio de Janeiro, 7(2): 101-107, 1978.

FOGL, J. Relations of the concepts 'information' and 'knowledge'. **International Fórum on Information and Documentation**, The Hague, v.4, n.1, p. 21-24, 1979.

GUIMARAES, J. A. C. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação: catalogação de assunto, indexação e análise documental. **Ibersid**, Zaragoza, 2009, p. 105-117. ISSN 1888-0967.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, jan./jun. 1996, p. 42-62.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e como representação**. 1º Tomo. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005

SMIT, J. W.; BARRETO, A. A. Ciência da Informação: base conceitual para a formação profissional. In: VALENTIN, M. L. P. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. Cap. 1, p. 9-24.